

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ

FACULDADE DE ECONOMIA, ADMINISTRAÇÃO, ATUÁRIAS, CONTABILIDADE E  
SECRETARIADO

CURSO DE ADMINISTRAÇÃO

EMPREENDEDORISMO:  
UM MODELO DE TRABALHO PARA O DESEMPREGO NO BRASIL

LUCIANO FÁBIO SÁ ALCANTARINO

FORTALEZA, DEZEMBRO, 2003

EMPREENDEDORISMO:  
UM MODELO DE TRABALHO PARA O DESEMPREGO NO BRASIL

LUCIANO FÁBIO SÁ ALCANTARINO

Orientador: LAUDEMIRO RABELO DE SOUZA E MORAES

Monografia apresentada à Faculdade de Economia,  
Administração, Atuárias, Contabilidade, e Secretariado,  
para obtenção do grau de Bacharel em Administração.

FORTALEZA - CE  
2003

Esta monografia foi submetida à Coordenação do Curso de Administração, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Bacharel em Administração, outorgado pela Universidade Federal do Ceará – UFC e encontra-se à disposição dos interessados na Biblioteca da referida Universidade.

A citação de qualquer trecho desta monografia é permitida, desde que feita de acordo com as normas de ética científica.

_____	Média
Luciano Fábio Sá Alcantarino	_____
_____	Nota
Prof. LAUDEMIRO RABELO DE SOUZA E MORAES <b>Prof. Orientador</b>	-----
_____	Nota
Prof. CARLOS MANTA PINTO DE ARAÚJO Membro da Banca Examinadora	-----
_____	Nota
Prof. HÉBER JOSÉ TEÓFILO DE MOURA Membro da Banca Examinadora	-----

Monografia aprovada em 17 de Dezembro de 2003.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, à Deus pela imensidão do seu amor e misericórdia. Pelas bênçãos a mim concedidas desde a minha concepção até o presente momento no qual escrevo estas palavras. Obrigado meu Deus!

À minha mãe, Sra. Josina Sá Alcantarino pelo exemplo de luta, determinação, dedicação, respeito e amor com o qual tem preenchido toda a minha vida e me enchido de coragem e perseverança.

À toda a minha família em especial ao meu irmão Alexandre, minha irmã Georgina, aos meus tios: Euclides, Expedito, Roberto e Socorro, pela força, incentivo, amor e carinho com os quais preservo como a base dos meus dias.

À minha namorada Juliana, pelo carisma, respeito, carinho, amor e apoio incondicional na realização deste e de tantos outros projetos tão almejados.

À todos os meus professores que me condicionaram e me ajudaram durante a vida acadêmica, como educadores e principalmente como homens honrados me ensinando e me estimulando nessa busca incessante pela conquista do nosso espaço. Agradecimento especial ao professor Héber Teófilo.

À todos os amigos de sala com os quais pude aprender sobre amizade, respeito, cumplicidade e carinho.

À todos que fazem parte da Universidade Federal do Ceará pela ajuda, humildade e cordialidade.

A todos muito Obrigado.

AGRADECIMENTOS	i
SUMÁRIO	ii
RESUMO	iii
INTRODUÇÃO	01
1. A CRISE DO CAPITAL E O SURGIMENTO DO EMPREENDEDORISMO	02
1.1. Desenvolvimento Econômico: Trabalho e Empreendedorismo	02
2. EMPREENDEDORISMO	10
2.1. Empreendedorismo: um enfoque geral	10
2.2. Breve Histórico do Empreendedorismo	13
2.3. Fatores Determinantes do Empreendedorismo	14
2.4. Carreiras Empreendedoras	16
2.5. O Empreendedorismo no Brasil	17
2.6. O Desemprego e o Empreendedorismo no Brasil	20
2.6.1. A conjuntura do Mercado de Trabalho de Fortaleza em Setembro/2003	22
3. PESQUISA JUNTO A EMPREENDEDORES DO SEGMENTO DE CALÇADOS INSTALADOS NA CIDADE DE FORTALEZA	29
CONCLUSÃO	36
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	38
ANEXO	40
ANEXO A - Carreiras Empreendedoras	40
APÊNDICE	45
APÊNDICE I – Questionário da Pesquisa	45

## RESUMO

O fenômeno empreendedorismo tem sido alvo crescente de estudos e pesquisas em diferentes áreas e pode-se constatar que parte dos trabalhos produzidos são orientados por interesses diversos, nem sempre de natureza acadêmica. Sua origem e significado, já no início do século XIX, é atribuído a alguns estudiosos sobre desenvolvimento econômico. Entretanto, o tema ganhou espaço e distinção após os estudos de Joseph A. Schumpeter, economista austríaco, ao interpretar o empreendedor como “*um impulsionador da economia capitalista*” (SHUMPETER, 1982). É surpreendente a força e a grande promoção dada mundialmente ao tema empreendedorismo nos meios econômicos, em especial após os anos 80. Neste contexto, apresenta-se nesta monografia uma revisão bibliográfica destacando o empreendedorismo como uma resposta da sociedade diante de uma crise do sistema capitalista vigente. Contudo, é feita uma análise mais aprofundada do tema e em seguida apresentada uma pesquisa junto a micro-empresendedores do segmento de calçados em atividade na cidade de Fortaleza, a qual teve como objetivo principal identificar os motivos determinantes e relevantes que incentivaram esses mesmos micro-empresendedores a desenvolverem o seu negócio. Tal pesquisa ainda buscou materializar alguns aspectos do trabalho apresentado.

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho, no seu decurso, preocupou-se em analisar, estudar e identificar proposições e indícios relacionados à crise do capital e sua integração e até mesmo seu paralelismo junto a uma questão e a um já considerado fato vivenciado por países de todo o mundo, inclusive o Brasil, o qual merece destaque neste estudo devido ao seu crescimento relacionado ao tema e devido ao seu posicionamento diante do mesmo. Este assunto é o fenômeno chamado Empreendedorismo.

Este trabalho está subdividido em três capítulos. Os dois primeiros correspondem a uma revisão bibliográfica, e o terceiro a uma análise da aplicação prática de uma pesquisa junto a empreendedores com o objetivo de verificar as proposições abordadas nos capítulos anteriores.

No primeiro capítulo, é analisada a crise do capital e sua repercussão mundial. Ainda no primeiro capítulo, há um confronto de idéias e uma reflexão direta sobre a crise do capital e o surgimento de um novo tipo de trabalhador, o qual busca incessantemente sua permanência no mercado de trabalho, não mais regido por forças empresariais internas mas inserido num ambiente externo competitivo e no qual ele também é agente, configurando-se empreendedor.

No segundo capítulo, é feita uma análise mais criteriosa sobre o tema Empreendedorismo, ressaltando seu aspecto histórico, sua importância no cenário mundial e seu comportamento perante as condições brasileiras de incremento, disponibilidade e sustentabilidade relacionados ao tema.

O terceiro capítulo é reservado a uma pesquisa realizada junto a empreendedores do segmento de calçados em atividade na cidade de Fortaleza com o objetivo principal de ratificar aspectos relacionados aos dois capítulos anteriores, como também de se concretizar e de se dar início a uma exploração do tema abordado no presente trabalho.

## 1. A CRISE DO CAPITAL E O SURGIMENTO DO EMPREENDEDORISMO

### 1.1. Desenvolvimento Econômico: Trabalho e Empreendedorismo

O século XX traz uma nova forma de produção: a produção em rede em substituição à produção linear (típicas de Taylor e Fayol). Um novo sistema que necessita de respostas rápidas, pois o espaço ganha virtualidade, o mundo caminha com a globalização; não há fronteiras. (PAULINO et al., 2001).

Avançamos no tempo, na história, reconhecendo formas de trabalhar mais intelectualizadas, ou seja, o uso de máquinas computadorizadas nos processos produtivos – o homem a serviço das máquinas. (PAULINO et al., 2001).

Grandes empresas, a exemplo, Toyota, Citroen, IBM, substituem parte de seus operários por robôs, conforme ensaio escrito por Michel Bosquet (1979), em “La Neuve Observateur”, mostrando essa nova tendência das organizações (DE MASI, 1999:62).

Em 1982, pela primeira vez, a revista Time abriu exceção em sua matéria de capa, tradicionalmente reservada a figuras humanas, ao colocar a máquina como personalidade de destaque daquele ano, apontando o avanço do microcomputador nos lares americanos (CARMO, 1997).

O que então é percebido como mudança? A era do conhecimento muda o capital, portanto, muda o trabalho. O foco é produzir informação, o trabalho torna-se cada vez mais a geração de idéias. O progresso tecnológico muda a “produção física” para a “produção mental”. Na visão de Domenico de Masi (1999), sociólogo italiano, o lado positivo da sociedade pós-industrial está na produção de bens imateriais – informação, serviços, ética e estética. Segundo o autor, a forma de pensar essa nova sociedade mostra diminuição de pessoas empregando seus esforços em máquinas, em fábricas.

Segundo CARMO (1997:49), neste sistema mais flexível “*máquinas universais são capazes de produzir uma imensa variedade de tipos de modelos e pequenos estoques*



*suficientes para as necessidades do momento (...) as empresas estão condenadas a sofrer alterações o tempo todo e a intervalos cada vez mais curtos.”*

Com esse diferente sistema de produção, nasce um “novo perfil” de trabalhador – antes, mão-de-obra, pessoas (semi) desqualificadas, agora, polivalente, trabalhador sabedor de várias tarefas ou operação de máquinas, por isso, multifuncional. Um outro modelo de organização para o trabalho se apresenta agora mais complexo, interativo, em substituição ao fragmentado, individualizado, que caracterizava o modelo de produção em massa. (PAULINO et al., 2001).

Tais mudanças tão significativas e geradoras de grandes modificações chegam a ser caracterizadas como “metamorfoses” no mundo do trabalho por Antunes, defendendo a idéia de que a sociedade do capital e sua lei do valor necessitam cada vez menos do trabalho estável e cada vez mais das diversificadas formas de trabalho (ANTUNES, 2000:10).

Assim definido este quadro de revolução do trabalho, verifica-se o aparecimento, em escala crescente, de vários outros vínculos constitutivos do processo de produção capitalista, a exemplo, do trabalho parcial ou part-time, o terceirizado, e outros que já não mais se caracterizam como formas assalariadas de trabalho. (PAULINO et al., 2001). Como afirma ANTUNES (2000:62), *“complexificou-se, fragmentou-se e heterogeneizou-se ainda mais a classe-que-vive-do-trabalho”*.

DE MASI (1999) aponta que o Financial Time e o Instituto Batelle já temiam uma forte redução dos postos de trabalhos e espalhavam previsões alarmantes sobre o futuro do emprego, diante das questões do avanço tecnológico. Muitos dos estudos realizados neste período já prognosticavam milhões de desempregados para os anos 90 como resultado da revolução microeletrônica. (PAULINO et al., 2001).

O mesmo tema polêmico é abordado por Martins e Shumann (ANTUNES, 1999), ao revelarem a realização de uma reunião, com 500 representantes da elite mundial, em 1995, com a proposta de debaterem as perspectivas do mundo para o século XXI. Curiosamente, mostraram que 20% da força de trabalho será suficiente para fazer girar a economia; os restantes 80% da população deverão se contentar com pão e circo. Na afirmação dos autores,

países prósperos aproximam-se do caos com seus milhões de desempregados e excluídos.(ANTUNES, 1999).

Os ensaios de Michel Bosquet citados por DE MASI (1999), souberam dar uma oportuna explicação sobre os efeitos da nova forma de produzir sobre o mundo do trabalho, de que o desemprego não seria absorvido nessa retomada do crescimento econômico; a era da automação atual, ao contrário de gerar ocupação, o crescimento a destrói, as empresas demitem, mas não perdem sua capacidade de produzir. (DE MASI, 1999).

Diante dessas perspectivas, a tecnologia coloca-se novamente frente ao dilema da desqualificação profissional e do desemprego, como presenciado na passagem do fordismo para o toyotismo, na mudança do modelo de produção em massa para o sistema de produção mais flexível. (PAULINO et al., 2001).

Fato é que, a terceira Revolução Industrial, iniciada há 25 anos, está rompendo os laços de crescimento da produção e do emprego, negando o dogma keinesiano, que a retomada do investimento reduz o desemprego. (DE MASI, 1999:62).

O capitalismo parece não estar conseguindo seguir seu ritmo habitual. As indústrias que alimentaram a prolongada expansão econômica depois da Segunda Guerra Mundial – automóveis, aço, borracha, equipamentos elétricos, eletrônicos de consumo, telefonia e petróleo, após a década de 20, já eram amadurecidas e podiam crescer e gerar empregos com poucos investimentos. Entretanto, fortes e prósperas empresas foram entrando em colapso na década de 1970, para quase uma bancarrota. (DRUCKER, 1998).

Aumenta a complexidade quanto ao entendimento das possíveis causas e efeitos de sua crise: menor duração dos ciclos econômicos; crise do petróleo; fim do emprego; crise de super produção do sistema capitalista; o desaparecimento da classe-que-vive-do-trabalho, dentre tantos outros enfoques dados aos estudos contemporâneos. (PAULINO et al., 2001).

Para Brenner (ANTUNES, 1999:12), este momento da economia capitalista encontra “*suas raízes profundas numa crise secular de produtividade que resultou do excesso constante de capacidade e de produção do setor manufatureiro internacional. Em primeiro lugar, o grande deslocamento do capital para as finanças foi a incapacidade da economia*

*real, especialmente das indústrias de transformação, de proporcionar uma taxa de lucro adequada.”*

Assim, o surgimento de excesso de capacidade e de produção, torna-se uma das explicações para a perda de lucratividade nas indústrias de transformação, a partir do final da década de 1970. (PAULINO et al., 2001).

Entender os diferentes períodos do capitalismo em crise, tem sido alvo de estudos desde a origem do desenvolvimento da análise econômica, após 1800. Karl Marx, em 1865, analisando as relações capital-trabalho havia percebido que a tendência geral da produção capitalista não é de aumentar o nível médio das remunerações, mas sim reduzi-lo, ou achatar o valor do trabalho até seu limite mínimo. (PAULINO et al., 2001).

No início do século XX, com a sistematização do pensamento econômico (terra-trabalho-capital), registraram-se importantes contribuições para o entendimento dos processos e comportamentos de mudanças da economia. (PAULINO et al., 2001).

Nos anos 20, na ex-URSS, Nikolai Kondratieff (economista e marxista), em seus estudos de análises estatísticas, demonstrou uma forma de explicação de descendência do capitalismo, resultante dos ciclos de expansão e investimentos seguido por um processo de depreciação (fase de depressão). (DRUCKER, 1988).

Em sua hipótese, Kondratieff conseguiu antever longos ciclos de 50 anos entre ascensão e depressão, momento em que a economia começa apresentar sinais de estagnação e, conseqüentemente, queda da lucratividade do capital. (DRUCKER, 1998). Tais previsões vieram a se confirmar no esgotamento da máquina a vapor (ciclo de 1790-1847), seguido por uma corrida técnico-científica após os anos de 1870, em busca de novas invenções que retomassem o crescimento da economia. (MAMIGONIAM, 1999).

Outros estudos da mesma época aprofundam essa idéia de crescimento-ascensão-declínio da economia mundial. A obra do economista austríaco, Joseph Alois Schumpeter, considerada uma das mais influentes interpretações do capitalismo em 1912, alcança grande repercussão por sua forma de abordar o crescimento e a dinâmica do capitalismo no mundo ocidental. (PAULINO et al., 2001).

Defendendo a visão da economia sem crescimento, produto de um fluxo circular, SCHUMPETER (1982), propõe a existência de um fator gerador de novos rumos (lucros) que vai alterar o estado “estático” da economia. Em sua teoria, SCHUMPETER (1982), introduz a figura do inovador – uma inovação implica na existência de um inovador, pessoas revolucionárias da produção – que, em sua visão, constitui-se na essência do capitalismo.

Com essa concepção de economia capitalista, Schumpeter, resgata e defende, já no início do século XX, que empreendedores e sua atividade inovadora, são assim, a fonte do lucro do sistema capitalista. (SCHUMPETER, 1982: 43-66).

Ao retratar um capitalismo de fluxo circular estático, inerte, Schumpeter defende a idéia que tal ciclo entra em movimento pelo impacto do trabalho do empreendedor. (SCHUMPETER, 1982). Dotados de um talento inovador – alguém responsável em combinar os fatores de produção de novas formas – são os chamados empreendedores que instalam um novo ciclo na economia (lucros) e imprimem uma dinâmica de movimento para a economia, designada pelo autor de “destruição criativa”. (SCHUMPETER, 1982:09-42).

O que impulsiona o capitalismo, sob essa concepção, são os novos bens de consumo, os novos métodos de produção e transporte, novos mercados e novas formas de organização industrial (fatores responsáveis pelo surgimento de empresas capitalistas). E, é nessa dinâmica, que se destaca a figura do empreendedor: alguém que assume riscos, que tem recursos pessoais e financeiros, cuja função é “quebrar” a rotina da economia. Prioritariamente, um propulsor e dinamizador do fluxo e desenvolvimento econômico. (PAULINO et al., 2001).

O empreendedor assim entendido, segundo SCHUMPETER (1982), como um agente econômico que traz novos produtos para o mercado por meio de combinações mais eficientes dos fatores de produção, ou pela aplicação prática de alguma invenção ou inovação tecnológica, parece ser uma oportuna estratégia na tentativa de recuperação do atual sistema de produção em crise.

Por outro lado, não há como negar, que os efeitos do desemprego estrutural<sup>1</sup> causam um problema para o sistema capitalista ao provocar uma depressão acentuada do mercado consumidor, comprometendo o processo de valorização do próprio sistema. (PAULINO et al., 2001).

Nessa crise já estabelecida, alternativas terão que ser lançadas para continuar garantindo o ciclo mercadoria-dinheiro que caracteriza as relações do capitalismo.

Contudo, faz-se cabível o questionamento: será, então, a figura do empreendedor uma reação das forças do capital contra a crise e de uma recuperação das relações capital-trabalho?

A hipótese de uma reação do capital para tentar amenizar a era das trevas, e não deixar, com ela, desmoronar o admirável mundo do dinheiro, segundo ANTUNES (2000:116), faz entender que ser empreendedor é uma resposta estratégica que visa minimizar a já instalada crise do sistema capitalista.

Ao caracterizar a “economia empreendedora”, DRUCKER (1998) busca desmentir as idéias que, segundo ele, foram transformadas em axiomas ao longo da história e que nos anos 70, apareciam na forma de slogans “a economia de crescimento zero”, a “desindustrialização dos Estados Unidos”, a “estagnação Kondratieff”. Em sua opinião, estes não eram exemplos do que acontecia com os Estados Unidos. Para Drucker, os fatos mostravam sim, um direcionamento profundo da economia, de gerencial para empreendedora.

Na visão de DRUCKER (1998), a idéia de uma economia empreendedora nasceu com a “fratura histórica” no capitalismo do pós-guerra, no abandono do padrão ouro e nos choques petrolíferos dos anos 70. O empreendedorismo sem ser um dom divino, é algo ao alcance da gente comum que, segundo o autor, pode ser aprendido e organizado sistematicamente.

O desempenho econômico americano, sob análise de DRUCKER (1998), é único e nada semelhante a outros países quando ele descreve que a Europa Ocidental ao decorrer do

---

<sup>1</sup> Os economistas classificam o desemprego de três formas: Friccional, Conjuntural e Estrutural.

período de 1970 a 1984, na realidade perdeu cerca de 3 a 4 milhões de empregos. Comparativamente, segundo o autor, até mesmo o Japão não se saiu bem na criação de empregos quanto os Estados Unidos. (DRUCKER, 1998). Segundo DRUCKER (1998:02), durante doze anos, de 1970 a 1982, o número de empregos no Japão cresceu em apenas 10 por cento, isto é, menos da metade da taxa americana.

Acompanhando e analisando a dinâmica da economia americana – “as 500 Fortune”, entre a década 60 e início dos anos 80, onde comparativamente suas listas demonstravam que havia uma perda de 4 a 6 milhões de vagas, Drucker afirma que de fato, havia sido criado 40 milhões a mais de empregos, no mesmo período. (DRUCKER, 1998:45).

De acordo com DRUCKER (1998), todos esses novos empregos só poderiam ter sido criados por pequenas e médias empresas privadas (e a alta tecnologia não contribuiu com mais de 5 ou 6 milhões de empregos).

Desse modo, DRUCKER (1998), entende que a função específica do empreendedor é a inovação, mesmo que surja num negócio clássico, numa instituição pública, numa empresa criada numa garagem, etc. Os empreendedores não se contentam simplesmente em melhorar o que já existe, “*eles procuram criar valores novos e diferentes, convertendo um “material” em um “recurso”, ou combinar recursos existentes em uma nova e mais produtiva configuração.*” (DRUCKER, 1998:45).

Ainda na opinião do autor, o desempenho americano na criação de empregos durante os anos 70 e início dos anos 80 também contrariou aquilo que todo especialista havia predito vinte e cinco anos atrás. (DRUCKER, 1998:02).

Mesmo que sua concepção, em parte, tente descaracterizar o postulado do empreendedor agente da economia, na forma proposta por Schumpeter, sua idéia de que a inovação e o espírito empreendedor, são necessários à sociedade tanto quanto para a economia, e o que precisamos em questão da revolução é de uma sociedade empreendedora (DRUCKER, 1998:351), torna-se cabível o entendimento e a compreensão de que o fenômeno do empreendedorismo desempenha um importante papel na sustentação da crise capital-trabalho.

Acompanhando essas tendências de discussão sobre o tema, Michael Gerber, publica em 1986 nos Estados Unidos sua primeira obra, com a proposta de “desmontar” o mito em torno do empreendedor, que segundo a crença popular, é aquele que monta seu negócio só para fugir do patrão e trabalhar por conta própria. (PAULINO et al., 2001).

Em suas discussões, Gerber introduz o conceito de personalidade empreendedora – o empreendedor é a personalidade criativa; sempre lidando melhor com o desconhecido, perscrutando o futuro, transformando possibilidades em probabilidades, caos em harmonia. (GERBER, 1996:31).

Mesmo diante dessa tentativa de ampliar sua definição para o perfil do empreendedor, o autor reafirma e estreita ligação entre o empreendedor e o negócio, definindo a franquia como uma nova visão de negócio capaz de transformar uma situação caótica para uma situação de ordem, animação e crescimento contínuo, um modelo perfeitamente equilibrado de um empreendimento que funciona. (GERBER, 1996:73).

Nessa direção, pesquisas vêm colaborando para mostrar um quadro otimista, sob o ponto de vista econômico, do espírito e papel empreendedor mundial.

Neste contexto, o empreendedorismo é visto e atua como um verdadeiro “remédio” para a grande dificuldade que tem o sistema capitalista de dar vazão e continuidade ao crescimento sem um desmantelamento ou até mesmo um prejuízo para a sociedade, mantendo equilibrado todos os seus setores, gerando riqueza e propiciando bem-estar para todos.

## 2. EMPREENDEDORISMO

### 2.1. Empreendedorismo: Um enfoque geral.

Durante toda a história de transformações e mudanças as quais vem passando o mundo atual, pode-se notar que tais mudanças nos últimos tempos, especialmente no último século, o século XX, aconteceram de forma rápida e audaciosa, causando uma verdadeira revolução no estilo de vida das pessoas de todo o planeta as quais passaram a viver e a conviver com diversos fatos e atitudes inovadoras, frutos da percepção e da ousadia de pessoas que puderam enxergar algo diferente no que já existia e aprimorá-lo, como também identificar uma necessidade que se fazia relevante e dar resposta à sua importância. Tais pessoas possuem características especiais, sabem arriscar, entendem o que vêem e sabem questionar, querem algo diferente e tem coragem para isso. Estas pessoas empreendem.

Para DORNELAS (2001, p. 19), *“os empreendedores são pessoas diferenciadas, que possuem motivação singular, são apaixonadas pelo que fazem, não se contentam em ser mais um na multidão, querem ser reconhecidas e admiradas, referenciadas e imitadas, querem deixar um legado”*.

Conforme FILION (2001), *“os empreendedores são pessoas que criam riqueza, e a sociedade deve estar apta para identificar, reconhecer e apoiá-los. Eles são a máquina motriz do nosso desenvolvimento”*.

DOLABELA (1999, pág. 29) conceitua o empreendedorismo como sendo *“uma área de grande abrangência e trata de outros temas, além da criação de empresas, como: - geração do auto-emprego (trabalhador autônomo); - empreendedorismo comunitário (como as comunidades empreendem); - intra-empendedorismo e políticas públicas”*.

Segundo TIMMONS (1994), *“o empreendedorismo é uma revolução silenciosa, que será para o século XXI mais do que a revolução industrial foi para o século XX”*.



De acordo com DEGEN (1989), “o empreendedor é o agente do processo de destruição criativa, constantemente criando novos produtos, novos métodos de produção, novos mercados, sobrepondo-se aos antigos métodos menos eficientes e mais caros”.

Segundo SCHUMPETER (1982), “o empreendedor é um impulsionador da economia capitalista”.

Os empreendedores estão revolucionando a história econômica mundial e entender o seu comportamento tornou-se cada vez mais importante.

Alguns conceitos administrativos predominaram em determinados períodos do século XX, de acordo com diversos contextos sócio-políticos, culturais, tecnológicos, de desenvolvimento e consolidação do capitalismo, entre outros.

Cronologicamente, podemos citar alguns desses conceitos importantes para a sociedade econômica mundial, tais como: a racionalização do trabalho, no início do século; o movimento das relações humanas, na década de 1930; o movimento do funcionalismo estrutural, nas décadas de 1940 e 1950; o movimento dos sistemas abertos, na década de 1960 e o movimento das contingências ambientais, na década de 1970. Como afirma DORNELAS (2001), atualmente não há um movimento predominante, mas acredita-se ser o empreendedorismo o que está cada vez mais a mudar a forma de se fazer negócios no mundo.

Sendo os empreendedores aqueles que contribuíram e que contribuem de forma essencial para o desenvolvimento e o amadurecimento da sociedade, faz-se coerente o questionamento: Por que só agora despertou para o mundo a necessidade de entendê-los e estudá-los de forma mais aprofundada? Por que a necessidade de se assimilar os seus passos?

Atualmente, segundo DORNELAS (2001) o avanço tecnológico tem acontecido de forma acelerada e a economia e os meios de produção se sofisticaram também, de forma que há a necessidade de se formalizar conhecimentos e de se andar lado a lado com tais mudanças. Deste modo, explica DORNELAS (2001) a ênfase ao empreendedorismo surge como resposta e uma consequência direta destas inovações o que exclui o caráter de modismo relacionado ao tema.

O tema empreendedorismo tem sido destaque em diversos países devido a sua influência social, política e econômica. Seu crescimento na década de 1990 pode ser observado através de ações desenvolvidas relacionadas ao tema, como o estudo do Global Entrepreneurship Monitor (GEM, 2000), e que, através do qual, DORNELAS (2001) cita alguns exemplos:

- Em 1998, o Reino Unido publicou um relatório no qual intensificava a necessidade de se desenvolver ainda mais o empreendedorismo na região; e, em 1999, criou a Agência de Serviços para Pequenas Empresas, tendo como modelo o SBA ( Small Business Administration );

- A Alemanha tem desenvolvido e implementado vários programas destinados a fornecer recursos financeiros e apoio na criação de novas empresas. Na década de 1990, aproximadamente duzentos centros de inovação foram estabelecidos no apoio às empresas iniciantes;

- Em 1995, na Finlândia, foi lançado movimento similar promovido pelo governo deste país onde o objetivo era dar suporte às iniciativas de criação de novas empresas, tendo como foco três áreas: criar uma sociedade empreendedora, criar novas empresas e promover o empreendedorismo como uma fonte na geração de novos empregos;

- Na França, existe a iniciativa de se inserir o ensino do empreendedorismo nas universidades, com o objetivo de se chamar à atenção dos estudantes. Para tanto, incubadoras com sede nas universidades estão sendo criadas. O governo também busca promover o empreendedorismo através de uma competição nacional para novas empresas de tecnologia e também com a criação de uma Fundação de Ensino do empreendedorismo.

De certo, explica DORNELAS (2001), é notável os esforços de vários países quando o assunto é empreendedorismo, e fica evidente que ações relacionadas ao tema tenham assumido proporções cada vez maiores. Contudo, tal demanda não tem sido alvo apenas de governos nacionais, mas também de muitas organizações internacionais.

Em 1998, a Organization for Economic Co-operation and Development (OECD) publicou um informativo intitulado “Fostering the Entrepreneurship: A Thematic

Review” no qual buscava compreender o estágio de desenvolvimento do empreendedorismo nos países integrantes da organização na tentativa de identificar quais as melhores políticas desenvolvidas no sentido de disseminá-las nos demais países. Analogamente, a Comissão Européia apresentou um relatório para o seu Conselho de Ministros, intitulado: “Fostering Entrepreneurship: Priorities for the future” no qual o objetivo principal estava em se criar e manter um compromisso de simplificar a abertura de novas empresas, facilitando o acesso ao crédito e assim desenvolver um espírito de empreendedorismo na comunidade.

Por seu destaque mundial, o tema empreendedorismo foi um dos assuntos discutidos recentemente no Fórum Econômico Mundial, realizado em Davos na Suíça no ano 2000. O interesse pelo tema ainda pode ser exemplificado através de números recentes da economia norte-americana, um modelo extraordinário de compromisso nacional com o empreendedorismo e o progresso econômico. O governo americano investe centenas de milhões de dólares anualmente na implementação de programas de apoio ao empreendedorismo, além dos incentivos dado por governos locais e por empresas privadas. Em 1996, as pequenas empresas americanas criaram 1,6 milhão de novos postos de trabalho. Quinze por cento das empresas que mais crescem, denominadas como “gazelas”, foram responsáveis por 94% destes empregos, e menos de um terço destas empresas são de alta tecnologia. As empresas com menos de quinhentos funcionários respondem por 51% do PIB americano. Dezesesseis por cento de todas as empresas norte -americanas foram criadas há menos de um ano. DORNELAS (2001).

Com isso, torna-se convicto afirmar que a ascensão da dinâmica empresarial associada ao crescimento da economia mundial e uma certa estabilidade e manutenção de outras variáveis importantes como as taxas de desemprego e de inflação irão refletir em três máximas do empreendedorismo: o crescimento econômico, a criação de novos empregos e a prosperidade nacional.

## 2.2. Breve Histórico do Empreendedorismo

A palavra empreendedor (*entrepreneur*) tem origem francesa e quer dizer aquele que assume riscos e começa algo novo. DORNELAS (2001).

O primeiro exemplo de empreendedorismo pode ser creditado a Marco Polo, que tentou estabelecer uma rota comercial para o Oriente. Como empreendedor, Marco Polo assinou um contrato com um homem que possuía dinheiro para vender as mercadorias deste. Enquanto o capitalista era alguém que assumia riscos de forma passiva, o aventureiro empreendedor assumia papel ativo, correndo todos os riscos físicos e emocionais.

Na Idade Média, o termo empreendedor foi utilizado para definir aquele que gerenciava grandes projetos de produção utilizando os recursos disponíveis, geralmente provenientes do governo do país.

Os primeiros indícios de relação entre assumir riscos e empreendedorismo ocorreram no século XVII. Nessa época, o empreendedor estabelecia um acordo contratual com o governo para realizar algum serviço ou fornecer produtos. Sendo os preços prefixados, qualquer lucro ou prejuízo era exclusivo do empreendedor. No século XVIII foram estabelecidas as diferenças entre os capitalistas e os empreendedores, provavelmente devido ao início da industrialização que ocorria no mundo. No final do século XIX e início do século XX, os empreendedores foram freqüentemente confundidos com os gerentes ou administradores, sendo analisados meramente de um ponto de vista econômico, como aqueles que organizam a empresa, pagam os empregados, planejam, dirigem e controlam as ações desenvolvidas na organização, mas sempre a serviço do capitalista. DORNELAS (2001).

### 2.3. Fatores Determinantes do Empreendedorismo

Trinta anos atrás, de acordo com FILION (2001), as pessoas estavam ainda céticas quando pesquisadores prognosticaram que a proporção de empreendedores na sociedade poderia chegar a 10%. Ainda segundo FILION (2001), já no ano 2000, o mesmo estudo aponta uma proporção de que aproximadamente 20% dos trabalhadores são autônomos e de que nos próximos 20 anos é possível pensar que de cada dois trabalhadores, pelo menos um assumirá um papel empreendedor na sociedade. E como será isso? O que está por trás desse fato?

Certamente, o que se vê atualmente é que o número de empresas que atuam na sociedade está crescendo enquanto que o seu tamanho está decrescendo. (Revista Sebrae, 2001). Em seu estudo, FILION (2001) cita e explica as razões para tal acontecimento, as quais seriam:

### 1. Tecnologias

Novas tecnologias aumentam a ênfase dada à questão do tempo nos negócios realizados pelas organizações. Algumas têm de aumentar o ritmo enquanto que outras enfrentam várias oscilações nos seus ciclos de produção. O que se torna relevante é que ambos os tipos estão cada vez mais subcontratando seja para não ficarem para trás como no primeiro caso, seja para suprir as demandas periódicas de trabalho, como no segundo caso.

### 2. Mudança Organizacional

As organizações atuais precisam ser altamente flexíveis se baseando na consulta constante a pessoas altamente experientes. Dessa forma, subcontratar tornou-se uma ótima maneira destas organizações atingirem seus objetivos.

### 3. Segurança

Nos últimos anos, muitas organizações têm forçado vários de seus funcionários a se aposentarem mais cedo. Em contrapartida, estas mesmas organizações tem perdido consideravelmente a confiança em seus negócios gerando com isso, um descontentamento por parte dos trabalhadores os quais afirmam que a segurança está em trabalhar para eles mesmos ou criar pequenos negócios para si próprios.

### 4. Envelhecimento e Especialização

A experiência de vida e a qualificação estão sendo apontados como a maior fonte de empreendedores autônomos na atualidade. Por exemplo, muitas pessoas são forçadas a se aposentarem num momento da vida em que ainda são ativas. Como resposta, resolvem montar um negocio próprio para eles mesmos.

### 5. Espaço Próprio

Devido a uma melhor educação, ao aumento do estudo contínuo ou até mesmo de experiências de vida em outros países estão fazendo com que as pessoas tenham uma “visão mais aberta do mundo”. Com isso, a aversão às organizações se torna cada vez mais

evidente e a busca por uma liberdade profissional e de um espaço próprio remete às pessoas a confiança que somente desta maneira elas alcançarão seus desejos e seus objetivos.

#### 6. Pessoas Vivendo Sozinhas

Na sociedade atual as pessoas estão tendendo a viverem mais sozinhas, e o número de casais sem filhos tem crescido continuamente. Nesse panorama o Auto-emprego surge também como uma tendência criada a partir dessa unidade social com a finalidade de atendê-la.

#### 7. Sendo Seu Próprio Patrão

Muitos empreendedores e autônomos desistiram de seus empregos porque não queriam mais ser controlados e nem queriam mais controlar ninguém. Eles buscam a paz de poderem desenvolver um trabalho totalmente livre de qualquer incômodo ou conflito.

#### 8. Encasulamento

Em muitos escritórios no mundo inteiro as pessoas estão optando por trabalharem em casa, graças as tecnologias atuais que possibilitam realizar trabalhos em rede. Além do mais, outras causas são apontadas com frequência nessa tomada de decisão, tais como: diminuição do stress, redução do tempo gasto no trânsito, má adaptação ao ambiente de trabalho, comodidade, entre outros.

Todos esses fatores contribuem diretamente e cada vez mais na geração de pequenos negócios e na ampliação e desenvolvimento do empreendedorismo. O panorama sócio-cultural propicia uma maior abertura para a prática empreendedora levando-se em conta uma melhor estabilidade para a sociedade a partir de ações empreendedoras. FILION (2001).

### 2.4. Carreiras Empreendedoras

Nos próximos anos, como afirma FILION (2001), a compreensão do termo carreira irá mudar radicalmente e muitas carreiras se tornarão muito mais empreendedoras. O conceito de empreendedorismo será embutido no currículo das escolas de ensino do nível

médio em diante, e as sociedades que fizerem isto, tornar-se-ão mais capazes de manter-se de acordo com o grau de desenvolvimento atual.

De acordo com FILION (2001), os indivíduos destas sociedades estarão melhores adaptados a escolherem os caminhos que devem e que querem seguir, de acordo, é lógico, com a especialidade de cada um, pois uma carreira empreendedora envolve montar um negócio num campo que seja familiar e do domínio do indivíduo. O sucesso no negócio está estreitamente relacionado com o nível de especialização da pessoa. Logo, pode-se perceber que uma carreira empreendedora está baseada numa combinação de know-how, conhecimento próprio e visão de futuro. FILION (2001).

Existem hoje diversas formas de carreiras empreendedoras<sup>2</sup> como exemplifica FILION (2001): - Intrapreneurs; - Extrapreneurs; - Entrepreneurs; - Spin-Offs; - Autônomos; - Supportpreneurs; - Interpreneurs; - Networkpreneurs; - Negopreneurs; - Familypreneurs; - Technopreneurs; - Ecopreneurs; - Gerontopreneurs; - Coopreneurs; - Grouppreneurs; - Sociopreneurs; - Netpreneurs; - Webpreneurs.

## 2.5. O Empreendedorismo no Brasil

O movimento do empreendedorismo no Brasil começou a tomar forma na década de 1990, de acordo com DORNELAS (2001), quando entidades como Sebrae (Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas) e Softex (Sociedade Brasileira para Exportação de Software) foram criadas. Antes disso, praticamente não se falava em empreendedorismo e em criação de pequenas empresas. Os ambientes político e econômico do país não eram propícios, e os empreendedores praticamente não encontravam informações para auxiliá-lo na corrida empreendedora. DORNELAS (2001).

O Sebrae é hoje um dos órgãos mais conhecidos do pequeno empresário brasileiro, que recorre aos serviços da entidade todo suporte de que precisa para iniciar sua empresa, bem como consultorias para resolver pequenos problemas de relevância de seu negócio.

---

<sup>2</sup> Os conceitos e definições dos tipos de carreiras empreendedoras citadas encontram-se no ANEXO.

Conforme afirma DORNELAS (2001), o histórico do empreendedorismo no Brasil pode ser confundido com o histórico da entidade Softex, a qual foi criada com o intuito de levar as empresas de software do país ao mercado externo, por meio de várias ações que proporcionavam ao empresário de informática a capacitação em gestão e tecnologia.

Foi com programas criados no âmbito da Softex em todo país, junto a incubadoras de empresas e a universidades e cursos de ciências da computação e informática, que o tema empreendedorismo começou a despertar para a sociedade brasileira, que até então desconheciam expressões imprescindíveis ao empreendedorismo como o conceito de “plano de negócios”. DORNELAS (2001).

Ainda segundo DORNELAS (2001), o Brasil entra neste novo milênio com todo o potencial para desenvolver um dos maiores programas de ensino de empreendedorismo de todo o mundo, comparável apenas aos Estados Unidos, onde mais de 1100 escolas ensinam empreendedorismo. No Brasil, ações recentes desenvolvidas apontam e dão o panorama de realidade à assertiva, como exemplifica DORNELAS (2001):

1. Os programas Softex e GENESIS (Geração de Novas Empresas de Software, Informação e Serviços), que apóiam atividades de empreendedorismo em software, estimulando o ensino da disciplina em universidades e a geração de novas empresas de softwares (start-ups).

2. Ações voltadas à capacitação do empreendedor, como os programas EMPRETEC e Jovem Empreendedor do Sebrae. E ainda o programa Brasil Empreendedor, do Governo Federal, dirigido à capacitação de mais de 1 milhão de empreendedores em todo o país e, destinando recursos financeiros a esses empreendedores, totalizando um investimento de oito bilhões de reais.

3. Os diversos cursos e programas sendo criados nas universidades brasileiras para o ensino do empreendedorismo, com destaque para o programa REUNE, da CNI (Confederação Nacional das Indústrias), de difusão do empreendedorismo nas escolas de ensino superior do país, presente em mais de duzentas instituições brasileiras.



4. A recente e crescente explosão do movimento de criação de empresas de Internet no país, motivando o surgimento de entidades como o Instituto e-cobra, de apoio aos empreendedores das empresas ponto.com (empresas baseadas na Internet), com cursos, palestras e até prêmios aos melhores planos de negócios de novas empresas de Internet, desenvolvidos por jovens empreendedores.

5. Por fim, o enorme crescimento do movimento de incubadoras de empresas no Brasil. Dados do ANPROTEC (Associação Nacional de Entidades Promotoras de Empreendimentos de Tecnologias Avançadas) mostram que em 2000, havia mais de 135 incubadoras de empresas no país, sem considerar as incubadoras de empresas de Internet, totalizando mais de 1100 empresas incubadas, que geram mais de 5.200 empregos diretos. DORNELAS (2001).

De acordo com o relatório executivo do Global Entrepreneurship Monitor (GEM, 2000), o Brasil aparece como o país que possui a melhor relação entre o número de habitantes adultos que começam um novo negócio e o total dessa população: 1 em cada 8 adultos. Enquanto que em países como os Estados Unidos que detêm uma cultura empresarial com raízes empreendedoras essa relação é de 1 em cada 10 adultos. Na Alemanha essa relação é de 1 em cada 25 adultos. O que se conclui, a partir disso, é de que apesar de não ter sido promovido de forma organizada como outros países do Ocidente, o empreendedorismo no Brasil exerce papel fundamental na economia atual. (DORNELAS, 2001).

Segundo DORNELAS (2001), ainda faltam políticas enérgicas dirigidas à consolidação do empreendedorismo no Brasil, como alternativa à falta de emprego, e visando a respaldar todo o movimento proveniente da iniciativa privada e de entidades não-governamentais.

Um último fator que precisa ser desmistificado, é a quebra de um paradigma cultural da não valorização de homens e mulheres de sucesso que têm contribuído com a geração de riquezas e na construção deste país, que não reconhece tal fato. DORNELAS (2001).

## 2.6. O Desemprego e o Empreendedorismo no Brasil

O desemprego transformou o Brasil no país mais empreendedor do mundo. Dos 175,4 milhões de habitantes, pelo menos 15% são empreendedores (possuem empresa ou comandam alguma atividade). São mais de 26 milhões de brasileiros, dentro e fora da População Economicamente Ativa (PEA), envolvidos com atividades empreendedoras. Os dados são do Global Entrepreneurship Monitor (GEM), um estudo que avalia o nível de empreendedorismo em 29 países. (MASCOTRO, 2002).

Segundo a pesquisa, o Brasil tem a maior taxa de empreendedorismo, seguido pela Coreia do Sul, em segundo lugar, e os Estados Unidos, em terceiro. Depois vêm a Austrália, Noruega, Canadá, Argentina, Índia, Itália, Reino Unido, Alemanha, Dinamarca, Espanha, Israel, Finlândia, Suécia, Bélgica, França, Cingapura, Japão e Irlanda. Do ranking, apenas cinco países são subdesenvolvidos, o que revela que o alto grau de empreendedorismo é um sinal de desenvolvimento.

A pesquisa detectou que nos 29 países participantes existem 150 milhões de empreendedores. A América Latina apresenta o maior nível de empreendedorismo, de quase 15% da população da região. Já a Europa apresenta o menor nível, com taxa de 8%.

Dos 150 milhões de empreendedores, 43% o fazem por necessidade, 54% aproveitaram oportunidades de negócios e 3% por outros motivos. **No Brasil, 40% optou pelo empreendedorismo pela falta de emprego.** Na Noruega, essa taxa é de 0,25% e, na Índia, de 7,5%. (MASCOTRO, 2002).

O Brasil está caindo no ranking internacional do empreendedorismo e, o que é pior, sobe quando a avaliação é feita a partir do motivo que leva as pessoas a abrir um negócio: necessidade e não por oportunidade. (KARAM, 2002).

A pesquisa é feita desde 1999 pelo Global Entrepreneurship Monitor (GEM), instituição criada pela London Business School e pelo Babson College de Boston (EUA). O Brasil participa desde 2000, via Instituto Brasileiro de Qualidade e Produtividade no Paraná (IBQP). O resultado foi apresentado simultaneamente em Curitiba e Nova York.

Na primeira vez em que foi avaliado, junto com 21 países, o Brasil foi classificado como a primeira nação em iniciativa empreendedora. No ano seguinte, já com 28 países participando da pesquisa, ficou em quinto lugar. Agora aparece em sétimo entre 37 nações. (KARAM, 2002).

Dois países que aparecem à frente do Brasil em capacidade empreendedora integraram a pesquisa pela primeira: Chile (terceiro lugar) e Tailândia, que lidera o ranking geral e ocupa também a melhor posição quando se contrapõem oportunidade e necessidade.

As demais nações mais empreendedoras que o Brasil são Índia, Coréia, Argentina e Nova Zelândia. Entre os países desenvolvidos, os Estados Unidos ocupam a 11ª colocação; o Canadá, a 13ª; Itália, Inglaterra e Alemanha aparecem nas posições 22, 23 e 24; a França é a 34ª. Em todas as pesquisas, o Japão surge como o país com a menor taxa de empreendedorismo.

O estudo mostra que, de forma geral, o empreendedorismo por necessidade tende a ser maior entre os países em desenvolvimento, "onde as dificuldades de inserção no mercado de trabalho levam as pessoas a buscar alternativas de ocupação". A comprovar a afirmação, apenas três países têm taxas de abertura de negócios por necessidade maior que a taxa de oportunidade - Brasil, Argentina e China. (KARAM, 2002).

"Este índice (do empreendedorismo movido pela necessidade) deve servir de alerta para nossa sociedade", disse o presidente do IBQP-PR, Sérgio Prosdócimo, ressaltando que o Brasil precisa mudar, "e rapidamente", suas políticas de apoio às micro e pequenas empresas. (KARAM, 2002).

A posição da Argentina, que aparece em quinto no ranking do empreendedorismo, se deve, na avaliação do diretor técnico do Sebrae, Vinícius Lummertz, aos nichos de mercado abertos depois da recente "quebradeira" de empresas. A crise "abre oportunidades para a taxa de crescimento do empreendedorismo", afirmou. O Sebrae financia a pesquisa no Brasil. (KARAM, 2002).

"Se 97% dos empregos são gerados na pequena empresa, porque não apoiar de fato esse setor?", questionou Lummertz, indicando a "necessidade radical de mudar a cultura

empreendedora do Brasil". De acordo com o levantamento do GEM, os grandes entraves estão no acesso e no custo do capital necessário; na elevada carga de tributos e exigências fiscais e legais; na capacitação para a gestão do negócio e no fato de que políticas e programas dedicados ao setor não são adequados à realidade do empreendedor. (KARAM, 2002).

No ranking do apoio ao empreendedorismo e da existência de políticas corretas e facilidades para a abertura de negócios, o Brasil aparece na 34ª posição entre os 37 países. Avaliando as taxas de empresas nascentes (com até três meses) e novas empresas (até 42 meses), a pesquisa do GEM no Brasil mostrou também que, apesar do número de novos negócios estar acima da média dos outros países, "ficou bem abaixo do patamar do ano anterior" - 5,7% ante 9,2% em 2001. (KARAM, 2002).

Para os técnicos, a redução é causada provavelmente pelo "contexto econômico adverso". No total, o levantamento estima a existência de 14,4 milhões de empreendedores no Brasil. Destes, a maioria (27%) está na faixa etária dos 25 aos 34 anos. As mulheres empreendedoras passaram de 38% no ano passado para 42% em 2002. (KARAM, 2002).

#### 2.6.1. A Conjuntura do Mercado de Trabalho de Fortaleza em Setembro/2003

A conjuntura econômica nacional tem se caracterizado por baixos níveis de crescimento do PIB, o qual foi estimado para algo em torno de 0,5%, em 2003, com efeitos concretos sobre o nível de emprego.(IDT, 2003).

Enquanto as exportações têm apresentado uma boa performance ao longo do ano, a retomada da produção industrial começou a dar algum sinal somente em set/2003, e essa retomada não terá efeitos imediatos no nível de emprego.(IDT,2003).

Por outro lado, a demanda interna encontra-se retraída em decorrência da contínua perda do poder de compra da classe trabalhadora, como tem sinalizado a constante queda no nível médio de salário. (IDT,2003).

Os resultados da Pesquisa Mensal de Emprego do IBGE revelam que, no agregado das seis regiões metropolitanas pesquisadas, o total de ocupados foi de 18.704 mil pessoas. Foram estimadas 1.261 mil pessoas ocupadas, em Recife, e 1.264 mil, em Salvador. (IDT,2003).

Nos últimos quatro meses, o desemprego manteve o mesmo patamar, oscilando entre 12,8% e 13%. Há um contingente de 2.781 mil pessoas desempregadas, nas seis regiões, em set/03. De modo geral, o quadro é de manutenção do desemprego nos patamares atuais, sendo estimados 270 mil desempregados, em Salvador, e 223 mil, em Recife. (IDT,2003).

A pressão sobre o mercado de trabalho de Fortaleza alcançou, em set/03, níveis mais elevados. A taxa de participação salta de um patamar de pouco mais de 44%, no bimestre abril-maio/03, para 48,06% da PIA, em set/03, fazendo com que fossem incorporadas à PEA nada menos do que 10.135 pessoas no bimestre ago-set/03. (IDT,2003).

No período jan-ago/03, as taxas de ocupação vinham superando as observadas no mesmo período do ano passado, mas, em set/03, quando chegou a 38,24%, ela apresenta-se tanto inferior a set/02 (38,67%) quanto a ago/03 (38,70%), o que implicou na redução do total de trabalhadores ocupados de 805.043 para 797.624 pessoas. (IDT,2003).

Segundo o Cadastro Geral de Empregados e Desempregados, foram gerados 2.982 empregos com carteira assinada em Fortaleza, em set/03, dos quais 2.047, no subsetor serviços e 339, na indústria de transformação. No período jan-set/03, chega-se a um total de 5.085 novos empregos em Fortaleza contra 6.173 no mesmo período de 2002, significando que, ao longo de 2003, a economia local tem gerado menos postos de trabalho. (IDT,2003).

Apesar do aparecimento de saldos positivos nos últimos meses, este está abaixo do observado no mesmo período de 2002. Somente em set/03 é que há um equilíbrio com o saldo gerado em set/02, ou seja, 2.982 e 2.999, respectivamente, o que certamente contribui para a atual intensificação da procura por trabalho. (IDT,2003).

Quanto ao desemprego, as taxas de 2003 vêm continuamente superando as de 2002, processo que se intensifica em setembro, quando a mesma alcança 18,91% da PEA, com 185.972 desempregados, sendo adicionadas 16.469 pessoas em busca de trabalho ao total de desempregados de Fortaleza, dada a maior oferta de mão-de-obra e contrariando as expectativas, que eram de, no mínimo, um comportamento estável do desemprego. (IDT,2003).

Essa intensificação deu-se pelo incremento na procura por trabalho tanto daqueles com experiência de trabalho anterior (desemprego cessante) quanto dos que buscam o primeiro emprego, cujas taxas oscilaram de 13,14% para 14,34% e de 5,59% para 6,17%, respectivamente, no bimestre ago-set/03. Em termos absolutos, foram incorporadas 11.740 pessoas ao desemprego cessante (reemprego) e, ao não-cessante (primeiro emprego), 4.729. (IDT,2003).

Os dados do processo de intermediação do SINE/IDT confirmam a maior oferta de mão-de-obra. O total de atendimentos registrados no Sistema de Gestão do Programa de Ações de Emprego (SIGAE), em Fortaleza, supera o observado no mesmo período de 2002, numa proporção entre 60% e 72%. Se em set/02 foram registrados 28.221 atendimentos, em set/03 foram quantificados 47.923. (IDT,2003).

Adicionalmente, o total de jovens cadastrados na Unidade de Atendimento do Trabalhador Jovem do SINE/IDT amplia-se em 16%, passando de 2.202 trabalhadores cadastrados (abr-jun/03) para 2.554 (jul-set/03), totalizando 4.756 jovens cadastrados, até set/03. (IDT,2003).

Assim, a atual conjuntura do mercado de trabalho de Fortaleza destaca que a elevação do desemprego foi causada notadamente pela intensificação da procura por trabalho, ou seja, o desemprego gerado pela transferência de pessoas da inatividade para a PEA, isso associado a taxas de ocupação que se mantêm estáveis nos últimos dois meses, demonstrando que o crescimento do desemprego não foi gerado por demissões, e sim, pelo retorno ao

mercado de trabalho de pessoas que estavam na inatividade e retomaram a busca por trabalho. (IDT,2003).

Somente as mulheres têm conseguido manter o seu nível de ocupação. A taxa de ocupação feminina foi de 32,34%, em set/03. Entre os homens, a ocupação mostra-se declinante, passando de 47,02%, em set/02, para 46,83%, em ago/03, alcançando 45,68%, em set/03. O total de mulheres ocupadas em Fortaleza ficou praticamente estável, próximo a 376.000 pessoas, e o total de homens ocupados foi reduzido de 429.088 para 421.465 trabalhadores. (IDT,2003).

Independente do gênero, o desemprego mostra-se em ascensão. A taxa masculina foi estimada em 18,36%, com 94.790 desempregados e, entre as mulheres, a taxa chegou a 19,51%, com 91.182 mulheres desempregadas. (IDT,2003).

Trabalhadores jovens e adultos intensificaram a procura por trabalho, notadamente os jovens. De maio a ago/03, a taxa de desemprego jovem oscila próxima a 33%, saltando para 36,09%, em set/03, superando os 29,85%, de set/02. Outro indicativo da intensificação da busca por trabalho entre os jovens é verificado ao se analisarem as dificuldades na obtenção de um trabalho, quando se percebe que a resposta “procura seu primeiro trabalho e não tem experiência de trabalho anterior” oscilou de 14,47%, em set/02, para 17,57%, em set/03. (IDT,2003).

O desemprego jovem amplia-se entre homens e mulheres. Entre os primeiros, de uma taxa de 30,64% (ago/03) passa para 33,76%, no mês seguinte. No segundo caso, ele oscila de 36,44% para 38,67%, ou seja, o desemprego jovem cresceu mais entre os homens. (IDT,2003).

Foram estimados 94.883 desempregados na faixa de 15 a 24 anos de idade, em set/03, equivalente a 51% do total de desempregados. (IDT,2003).

No desemprego adulto, a taxa chega a 12,59%, mais expressiva que os 11,48%, de ago/03, e os 11,05%, de set/02, e, tal qual o desemprego jovem, o desemprego adulto cresce em ambos os sexos, sendo de 12,69%, entre os homens, e de 12,49% para as mulheres, em ambos os casos superando as taxas de set/02 e ago/03. (IDT,2003).

**Tabela 1**  
**Indicadores do Mercado de Trabalho**  
**Fortaleza**  
**1997 - 2003**

Mês/Ano	Set/97	Set/98	Set/99	Set/00	Set/01	Set/02	Ago/2003		Set/2003	
	Taxa	Taxa	Taxa	Taxa	Taxa	Taxa	Taxa	Absoluto	Taxa	Absoluto
População Economicamente Ativa	45,30	44,86	44,63	44,80	47,78	46,55	47,70	992.409	48,06	1.002.544
Ocupação	39,44	38,39	38,43	39,00	39,28	38,67	38,70	805.043	38,24	797.624
Ocupação Informal	52,31	54,14	53,76	51,18	48,92	52,21	52,06	419.105	51,53	411.016
Desemprego Aberto	12,29	13,73	13,09	12,16	16,94	15,93	17,39	169.503	18,91	185.972
Desemprego Cessante	10,42	11,87	11,46	9,22	13,34	12,10	13,14	121.788	14,34	133.528
Desemprego Não Cessante	2,32	2,39	2,08	3,55	4,75	4,92	5,59	47.715	6,17	52.444
Desemprego Total	14,10	15,25	14,63	13,63	18,69	17,43	19,21	191.501	20,93	211.095
População Não Economicamente Ativa	54,70	55,14	55,37	55,20	52,22	53,45	52,30	1.088.114	51,94	1.083.482

Fonte: Pesquisa Direta - IDT

**Tabela 2**  
**Flutuação do Nível de Emprego Formal, por Nível Geográfico**

Regiões	Setembro/2003		
	Admitidos	Desligados	Saldo
Nordeste	165.413	90.344	75.069
<b>Ceará</b>	<b>20.890</b>	<b>15.545</b>	<b>5.345</b>
Norte	37.233	27.792	9.441
Sudeste	455.239	411.935	43.304
Sul	170.203	144.380	25.823
Centro Oeste	71.994	63.866	8.128
Brasil	900.082	738.317	161.765

Fonte: Ministério do Trabalho e Emprego – MTE/Cadastro Geral de Empregados e

Desempregados – CAGED – Lei 4.923/65.



**Tabela 3**  
**Flutuação do Nível de Emprego Formal, por Nível Setorial**

Setor de Atividade	Setembro /2003								
	CEARA			RMF			FORTALEZA		
	Adm.	Desl.	Saldo	Adm.	Desl.	Saldo	Adm.	Desl.	Saldo
Extrativa Mineral	59	96	-37	10	25	-15	4	7	-3
Ind. Transformação	5.205	3.696	1.509	3.582	2.621	961	1.986	1.647	339
Serviços de Ind. Utilid. Pub.	62	63	-1	55	63	-8	53	57	-4
Construção Civil	2.449	2.465	-16	2.069	1.940	129	1.884	1.592	292
Comércio	3.948	3.506	442	2.999	2.726	273	2.780	2.507	273
Serviços	7.530	5.192	2.338	6.692	4.358	2.334	5.940	3.893	2.047
Administração Pública	14	16	-2	10	5	5	9	2	7
Agropecuária	1.623	511	1.112	195	118	77	111	80	31
Outros	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Saldo	20.890	15.545	5.345	15.612	11.856	3.756	12.767	9.785	2.982

Fonte: Ministério do Trabalho e Emprego – MTE/Cadastro Geral de Empregados e Desempregados – CAGED – Lei 4.923/65.

**Tabela 4**  
**População Ocupada, por Categoria Ocupacional**  
**Fortaleza**  
**2002 – 2003**

Mês/Ano	Set/2002	Ago/2003		Set/2003	
Categoria Ocupacional	%	%	Absoluto	%	Absoluto
<b>Assalariado</b>					
Empregado Público	8,72	7,61	61.264	8,43	67.240
Empregado Doméstico	7,20	6,81	54.823	6,88	54.877
Empregado Particular	52,78	53,79	433.033	53,32	425.292
Subtotal	68,70	68,21	549.120	68,63	547.409
<b>Não Assalariado</b>					
Profissional Liberal	0,61	0,26	2.093	0,29	2.313
Membro da Família Sem Remuneração	1,57	1,69	13.605	1,61	12.842
Autônomo	27,47	28,61	230.323	28,03	223.574
Empregador	1,65	1,23	9.902	1,44	11.486
Subtotal	31,30	31,79	255.923	31,37	250.215
Total Geral	100,00	100,00	805.043	100,00	797.624

Fonte: Pesquisa Direta – IDT.

**Tabela 5**  
**Taxas de Desemprego Jovem e Adulto, por Sexo**  
**Fortaleza**  
**2002 – 2003**

Sexo/Ano	Masculino		Feminino		Total	
	2002	2003	2002	2003	2002	2003
<b>Desemprego Jovem</b>						
Janeiro	22,26	24,96	27,62	29,35	24,72	27,06
Fevereiro	20,73	26,71	26,00	32,37	23,16	29,40
Março	21,64	28,77	29,25	32,50	25,08	30,49
Abril	25,35	31,23	31,02	33,87	27,96	32,42
Maiο	27,36	31,44	33,62	35,34	30,26	33,20
Junho	29,50	31,25	35,61	34,41	32,32	32,73
Julho	27,76	31,02	36,30	36,94	31,73	33,83
Agosto	27,49	30,64	35,84	36,44	31,46	33,40
Setembro	27,20	33,76	32,70	38,67	29,85	36,09
Outubro	27,36		31,87		29,46	
Novembro	27,90		28,83		28,32	
Dezembro	25,64		30,06		27,67	
<b>Desemprego Adulto</b>						
Janeiro	9,03	9,72	9,42	10,07	9,20	9,88
Fevereiro	8,72	10,19	9,51	10,91	9,07	10,52
Março	8,94	10,69	10,43	11,94	9,60	11,26
Abril	10,55	11,04	10,93	11,84	10,72	11,40
Maiο	11,38	11,69	11,66	12,31	11,51	11,97
Junho	11,79	11,92	11,93	11,78	11,85	11,85
Julho	10,67	12,10	11,83	11,10	11,20	11,64
Agosto	10,65	11,58	11,86	11,38	11,21	11,48
Setembro	10,55	12,69	11,62	12,49	11,05	12,59
Outubro	11,03		11,20		11,11	
Novembro	10,48		10,37		10,43	
Dezembro	9,75		9,36		9,58	

Fonte: Pesquisa Direta – IDT.

Nota: Conforme conceituação da OIT, o desemprego jovem abrange os desempregados de 15 a 24 anos, e o desemprego adulto aqueles com 25 anos de idade ou mais. Foram estimados 46.663 homens e 48.220 mulheres no Desemprego Jovem e, no Desemprego Adulto 47.646 e 42.457, respectivamente, em setembro /2003.

### 3. PESQUISA JUNTO A EMPREENDEDORES DO SEGMENTO DE CALÇADOS INSTALADOS NA CIDADE DE FORTALEZA

#### 3.1. APRESENTAÇÃO (INTRODUÇÃO)

Com o intuito de ratificar o que foi abordado durante a revisão bibliográfica, fez-se necessária a realização de uma pesquisa junto a empreendedores, mais precisamente empreendedores do segmento de calçados em atividade na cidade de Fortaleza, com o objetivo de dar início a uma exploração concreta e real do tema abordado ao longo do trabalho, o qual seja ele: o empreendedorismo como um modelo de trabalho para o desemprego no Brasil.

#### 3.2. OBJETIVOS

O objetivo principal ao qual está relacionada a presente pesquisa está em identificar os motivos determinantes e relevantes que levaram e incentivaram os micro-empREENDEDORES do segmento de calçados em atividade na cidade de Fortaleza para a abertura do seu negócio.

Outros objetivos relacionados à pesquisa e importantes para um entendimento mais claro e conciso dessa prática empreendedora também serão abordados e procurarão de forma específica: - Identificar o grau de informações que dispunham os micro-empREENDEDORES do segmento de calçados em atividade na cidade de Fortaleza quando da abertura do seu negócio; - Verificar a utilização de programas de apoio à micro-empresa pelos micro-empREENDEDORES do segmento de calçados em atividade na cidade de Fortaleza quando da abertura do seu negócio; - Identificar o perfil destes micro-empREENDEDORES que atuam neste setor.

### 3.3. HIPÓTESES

De acordo com os objetivos da pesquisa, foram traçadas hipóteses com a finalidade de promover uma melhor análise dos dados obtidos. Segundo MATTAR (1996), *“uma hipótese de pesquisa consiste numa afirmação sobre o possível relacionamento de causa e efeito entre variáveis de estudo”*. Desse modo, a pesquisa em questão tratará da verificação das seguintes hipóteses:

H1. O motivo determinante e mais relevante para os micro-empresendedores do segmento de calçados em atividade na cidade de Fortaleza relacionado com a abertura do seu negócio foi o desemprego.

H2. Os micro-empresendedores do segmento de calçados em atividade na cidade de Fortaleza dispunham das informações necessárias quando da abertura de seu negócio.

H3. Os micro-empresendedores do segmento de calçados em atividade na cidade de Fortaleza utilizaram programas de apoio disponíveis quando da abertura de seu negócio.

### 3.3 METODOLOGIA

A presente pesquisa foi realizada em duas fases. Na primeira fase, a fase exploratória de estudo, foi iniciada a partir de uma pesquisa bibliográfica onde se buscou adquirir um embasamento teórico através da síntese de idéias de autores, cujas publicações estão diretamente relacionadas ao tema em questão.

Ainda na fase exploratória, foram realizadas visitas a institutos locais, dentre os quais podemos citar: SEBRAE, IDT, SETE e IBGE, além de uma pesquisa na grande rede, a internet, na tentativa de se coletar o maior número possível de dados secundários referentes ao tema abordado. Conversas informais foram realizadas com alguns dos micro-empresendedores que compõem o espaço amostral da pesquisa, com o objetivo de se obter uma maior familiaridade com o tema de estudo e um maior entendimento do mesmo.

Na segunda fase, a fase descritiva da pesquisa, foram aplicados questionários estruturados compostos por perguntas abertas e fechadas do tipo dicotômicas e de múltipla escolha. Tais questionários foram aplicados a um número total de 20 micro-empresendedores, os quais foram escolhidos convenientemente pelo pesquisador, e realizados no local do empreendimento do entrevistado no período de 06, 07 e 08 de Dezembro do ano de 2003 no horário de 08:00 às 12:00h.

### 3.4. RESULTADOS

De acordo com a pesquisa realizada e a análise sucinta dos dados coletados, faz-se coerente a demonstração dos resultados obtidos como também a sua confrontação com os objetivos e hipóteses propostas no início desta pesquisa.

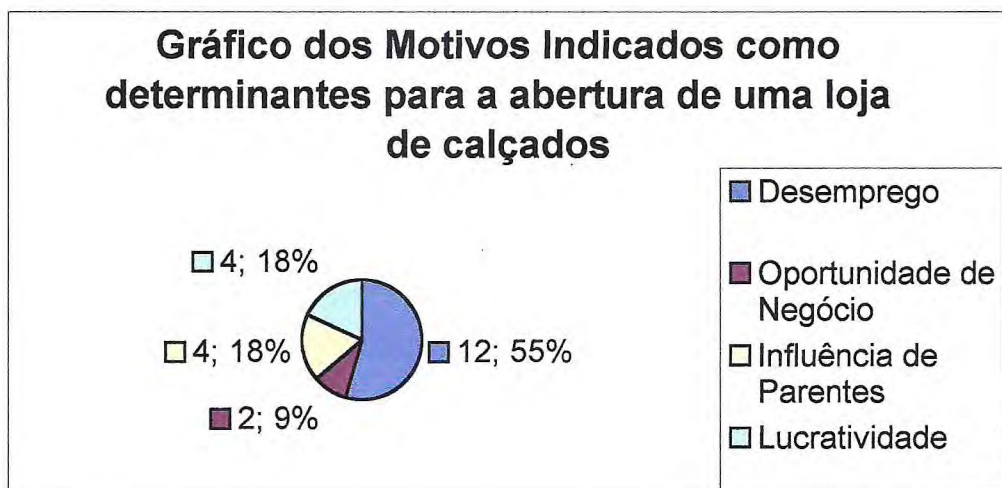
Conforme a coleta dos dados, numa amostra de 20 pessoas entrevistadas, tem-se que:

1. Quanto aos motivos indicados como determinantes para a abertura de uma loja de calçados, foi constatado que:

- a) 12 dos entrevistados ou 55% indicaram o desemprego;
- b) 02 dos entrevistados ou 9% indicaram a oportunidade de negócio;
- c) 04 dos entrevistados ou 18% indicaram a influência de parentes;
- d) 04 dos entrevistados ou 18% indicaram a lucratividade.

Tais constatações podem ser melhor visualizadas no Gráfico 1 a seguir:

Gráfico 1

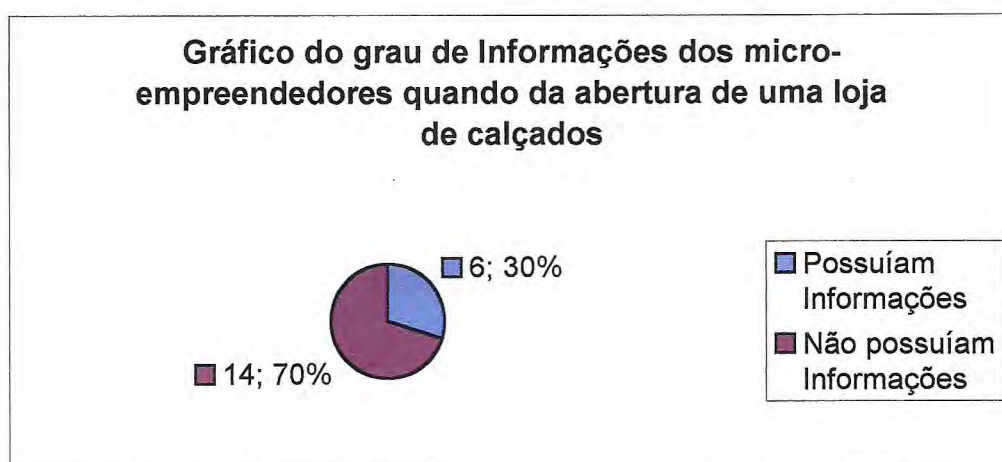


2. Quanto ao grau de informações dos micro-empresendedores quando da abertura de uma loja de calçados, foi constatado que:

- a) 14 dos entrevistados ou 70% indicaram não possuírem informações necessárias a respeito do ramo de atividade quando da abertura do negócio;
- b) 06 dos entrevistados ou 30% indicaram possuírem informações necessárias a respeito do ramo de atividade quando da abertura do negócio.

Tais constatações podem ser melhor visualizadas no Gráfico 2 a seguir:

Gráfico 2

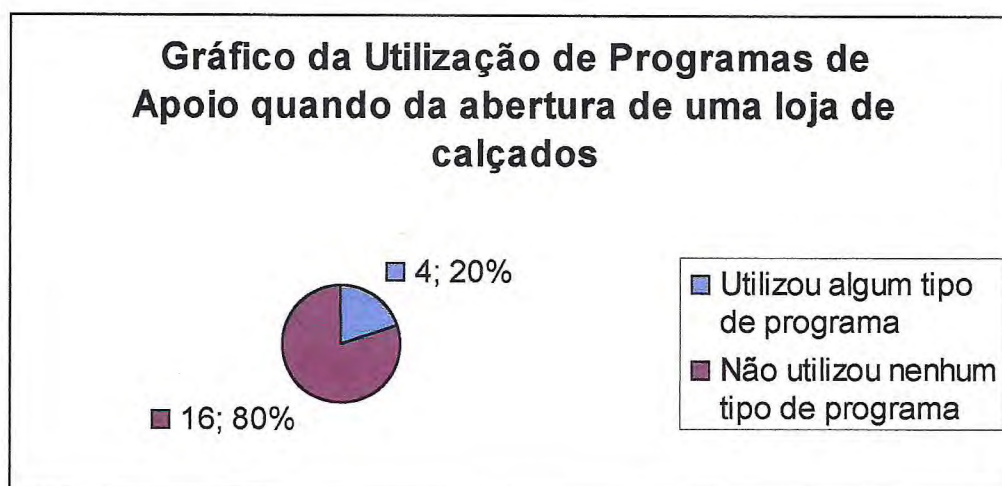


3. Quanto à utilização de Programas de Apoio quando da abertura de uma loja de calçados, foi constatado que:

- a) 16 dos entrevistados ou 80% não utilizaram Programas de Apoio<sup>3</sup>;
- b) 04 dos entrevistados ou 20% utilizaram Programas de Apoio.

Tais constatações podem ser melhor visualizadas no Gráfico 3 a seguir:

Gráfico 3



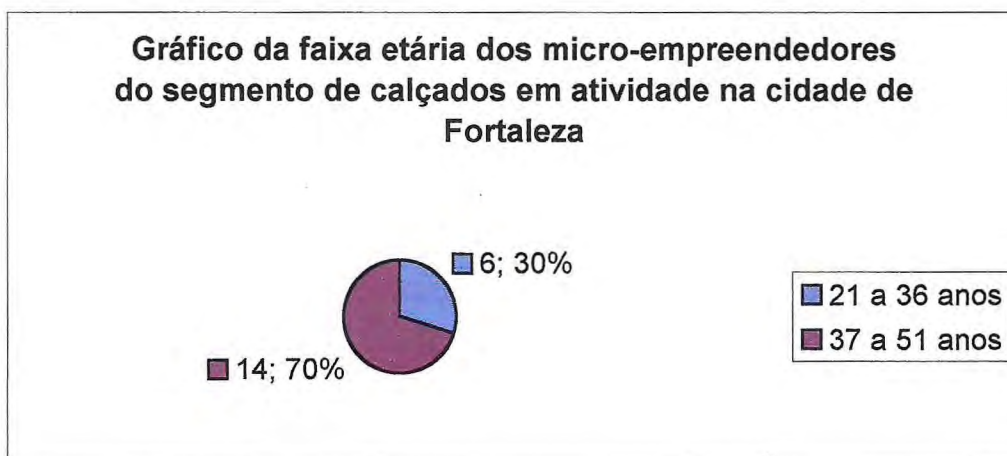
4. Quanto à faixa etária dos micro-empresendedores do segmento de calçados em atividade na cidade de Fortaleza, foi constatado que:

- a) 04 dos entrevistados ou 30% estão na faixa etária entre 21 a 36 anos;
- b) 16 dos entrevistados ou 70% estão na faixa etária entre 37 a 51 anos.

Tais constatações podem ser melhor visualizadas no Gráfico 4 a seguir:

<sup>3</sup> Os principais motivos apontados pelos entrevistados para a não utilização de Programas de Apoio para a abertura do negócio foram: - Altas taxas de juros; - Burocracia para a liberação do crédito; - Falta de carência.

Gráfico 4

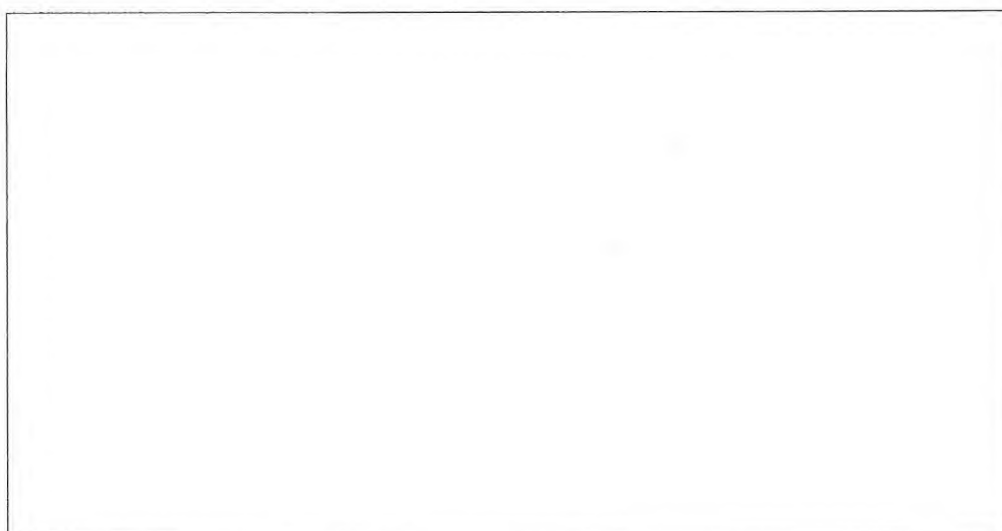


5. Quanto ao estado civil dos micro-empresendedores do segmento de calçados em atividade na cidade de Fortaleza, foi constatado que:

- a) 11 dos entrevistados ou 55% estão casados;
- b) 06 dos entrevistados ou 30% são solteiros;
- c) 03 dos entrevistados ou 15% são divorciados.

Tais constatações podem ser melhor visualizadas no Gráfico 5 a seguir:

Gráfico 5



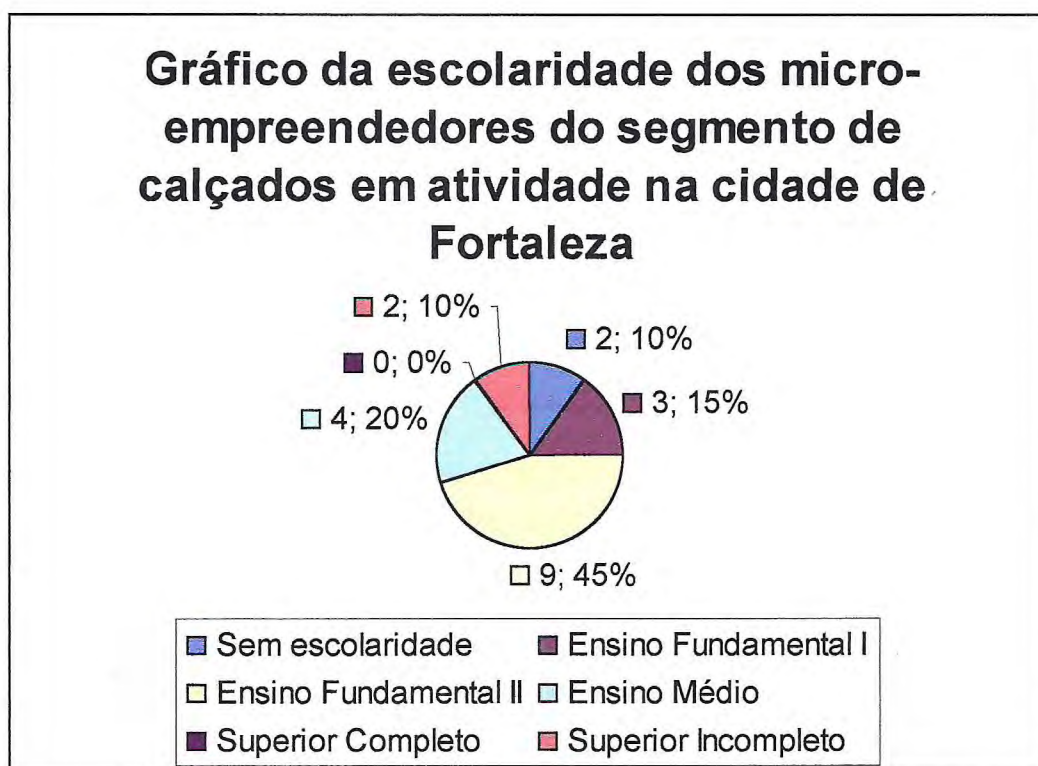


6. Quanto à escolaridade dos micro-empresendedores do segmento de calçados em atividade na cidade de Fortaleza, foi constatado que:

- a) 02 dos entrevistados ou 10% não possuem escolaridade;
- b) 03 dos entrevistados ou 15% possuem o Ensino Fundamental I;
- c) 09 dos entrevistados ou 45% possuem o Ensino Fundamental II;
- d) 04 dos entrevistados ou 20% possuem o Ensino Médio;
- e) 02 dos entrevistados ou 10% possuem o Ensino Superior Incompleto;
- f) 0 dos entrevistados ou 0% possuem o Ensino Superior Completo.

Tais constatações podem ser melhor visualizadas no Gráfico 6 a seguir:

Gráfico 6



## CONCLUSÃO

A revisão bibliográfica e a pesquisa desenvolvida nesta monografia demonstram a importância do empreendedor como agente impulsionador da economia capitalista. Sua atuação é indiscutivelmente determinante para a manutenção desta mesma economia.

Pôde-se constatar através da mesma revisão bibliográfica e da análise dos dados da pesquisa realizada, que o fator desemprego pode ser encarado como um dos fatores principais para o desencadeamento do Empreendedorismo no Brasil.

Ocorre, no entanto, que apesar da importância do fator desemprego como principal agente desencadeador da ação empreendedora, ele não é em si, suficiente para o êxito dessa prática. É necessário observar a importância de outros fatores que contribuem para um melhor desenvolvimento do empreendedorismo no Brasil, tais como: maior bojo de informações, por parte dos empreendedores, relativas ao tipo de negócio e suas peculiaridades; e um maior envolvimento e aproveitamento dos Programas de Apoio destinados à implantação, desenvolvimento e manutenção das micro-empresas por estes mesmos empreendedores.

É importante salientar ainda que medidas devem ser tomadas quando da disponibilidade, viabilidade e uso desses Programas de Apoio pelos micro-empreendedores, os quais, como revela a pesquisa, se sentem “abandonados” e em desvantagem quando da utilização de tais programas, devido principalmente: da burocracia existente, da demora na concessão do crédito, da mínima carência para o início do pagamento e da excessiva carga tributária existente.

Conclui-se, portanto, a existência de uma fragilidade no apoio ao micro-empendedor brasileiro, devido, em hipótese, à instabilidade econômica enfrentada pelo país, além da constatação de um certo despreparo por parte do empreendedor em potencial quando da decisão de empreender.

Com relação à pesquisa desenvolvida, é considerável afirmar que os objetivos aos quais tal pesquisa estava relacionada foram atingidos.

Ainda segundo a análise dos dados da pesquisa, foi evidenciada a aceitação da Hipótese 1, a qual afirma que: O motivo determinante e mais relevante para os micro-empREENDEDORES do segmento de calçados em atividade na cidade de Fortaleza relacionado com a abertura do seu negócio foi o desemprego. Pode-se constatar ainda a negação das Hipóteses 2 e 3.

Hipótese 2: Os micro-empREENDEDORES do segmento de calçados em atividade na cidade de Fortaleza dispunham das informações necessárias quando da abertura de seu negócio.

Hipótese 3: Os micro-empREENDEDORES do segmento de calçados em atividade na cidade de Fortaleza utilizaram programas de apoio disponíveis quando da abertura de seu negócio.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANTUNES, Ricardo. **Adeus ao trabalho? Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho.** São Paulo: Cortez, 2000.
- \_\_\_\_\_. **Os sentidos do trabalho: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho.** São Paulo: Bomtempo Editorial, 1999.
- CARMO, Paulo S. **Tecnologia e trabalho: a máquina substituirá o homem?** In Trabalho em Debate (Org. Márcia Kupsta). São Paulo: Moderna, 1997.
- DE MASI, Domenico. **Desenvolvimento sem trabalho.** São Paulo: Ed. Esfera, 1999.
- \_\_\_\_\_. **A emoção e a regra – os grupos criativos na Europa de 1850 a 1950.** Rio de Janeiro: José Olympio, 1999.
- DEGEN, Ronald J. **O Empreendedor - Fundamentos da Iniciativa Empresarial.** 2ª ed. São Paulo: McGraw-Hill, 1989.
- DOLABELA, Fernando C. Chagas. **O segredo de Luísa.** 14ª ed. São Paulo: Cultura, 1999.
- DORNELAS, José Carlos Assis. **Empreendedorismo: transformando idéias em negócios.** Rio de Janeiro: Campus, 2001.
- DRUCKER, P. **Inovação e espírito empreendedor.** 5ª ed. São Paulo: Pioneira, 1998.
- FILION, Louis J. **O empreendedorismo como tema de Estudos Superiores** (palestra proferida em 1998, no Seminário “A Universidade formando empreendedores – Escola de Altos Estudos Comerciais de Montreal”). Disponível em [www.epa.adm.br](http://www.epa.adm.br). Acesso em: 05 de Novembro de 2003.

- FILION, Louis J. **Revista Sebrae. Carreiras empreendedoras do futuro**, p. 35-51, nov. 2001.
- GERBER, Michael E. **O mito do empreendedor revisitado: como fazer de seu empreendimento um negócio bem sucedido**. São Paulo: Saraiva, 1996.
- IDT. **Pesquisa Mensal de Emprego – Setembro 2003**. Disponível em [www.idt.gov.br](http://www.idt.gov.br). Acesso em 12 de Novembro de 2003.
- KARAN, Miriam. **Brasileiro torna-se empreendedor por “necessidade”, aponta estudo**. Disponível em: <http://valoronline.com.br>. Acesso em 11 de Novembro de 2003.
- MAMIGONIAN, Armen. **Neodarwinismo social e múltiplas tensões no capitalismo em crise**. São Paulo: Revista ADUSP, outubro 1999, p. 36-40.
- MASCIOTRO, Ana Lúcia D. N.. **Empreender para Sobreviver**. Disponível em <http://www.vocesa.abril.com.br>. Acesso em 11 de Novembro de 2003.
- MATTAR, Fauze Najib. **Pesquisa de Marketing. Edição compacta**. São Paulo: Atlas, 1996.
- PAULINO, Alice et al. **Anais do II EGEPE**. Londrina. 2001, p. 215-226.
- SCHUMPETER, J.A. **A Teoria do Desenvolvimento Econômico**. São Paulo: Nova Cultural, 1982.
- SILVA, Daniel N. **O empreendedorismo como modismo universitário**. Disponível em [www.epa.adm.br](http://www.epa.adm.br). Acesso em Novembro 2003.
- TIMMONS, J.A. **New venture creation, entrepreneurship for the 21st century**, Irwin, 4<sup>th</sup> ed.. 1994.

## ANEXO

## ANEXO – A:

## Carreiras Empreendedoras

FILION (2001) cita e define diversas carreiras empreendedoras que tem sido destaque no panorama mundial, quais sejam:

1. *Intrapreneurs* (empregados empreendedores): São agentes de mudança. Eles atuam empresarialmente nas organizações que eles não possuem, mas para as quais eles trabalham (Carrie, 1997).
2. *Extrapreneurs*: são pessoas que lançam seus negócios que são uma extensão do trabalho que eles costumam fazer para seus empregadores. Eles continuam a aplicar os comportamentos que eles aprenderam, ao longo dos anos, na sua organização empregatícia, mas, desta vez, para seu benefício.
3. *Entrepreneurs* (empresários): são pessoas que focam suas energias na inovação e no crescimento. Eles criam empresas ou desenvolvem coisas novas numa empresa existente (novos produtos, novos mercados, novos métodos). Geralmente, almejam crescimento pessoal e organizacional. Necessitam de aprender continuamente; e precisam aprender a minimizar os riscos e a diferenciá-los nos seus produtos.
4. *Spin-offs*: refere-se ao processo no qual uma pessoa que quer criar um novo negócio recebe ajuda de uma outra organização ou negócio, com o objetivo de reduzir riscos.
5. *Autônomos*: o auto-emprego é parecido com o trabalho de um operador de microempresa, exceto pelo fato de que um autônomo trabalha essencialmente sozinho e só ocasionalmente com outras pessoas. Algumas pessoas se tornam autônomas por livre escolha, enquanto outras são forçadas a serem autônomas quando não são capazes de achar trabalho. Esta diferença pode afetar o tipo de aprendizado necessário.
6. *Supportpreneurs*: um novo setor está sendo desenvolvido para a provisão de suporte para novas associações e negócios existentes, como: consultorias, serviços de suporte para novos empresários, assistência com a preparação de planos de negócios, tutorias, juntas de aconselhamento, juntas de famílias, juntas de diretores, etc.

7. *Interpreneurs*: tipo de carreira especial que emerge no campo das relações intercomerciais, incluindo alianças de pequenos negócios. São, geralmente, representados por contadores e advogados especializados em negócios intercomerciais. Interpreneurs devem ser peritos em negociação, familiarizados com suas várias fontes de fundos ou recursos, e aptos a preparar e atualizar planos estratégicos de gerenciamento.
8. *Networkpreneurs* (empreendedores em redes de negócios): diante da globalização e grandes mercados de livre comércio, um crescente número de pequenos negócios está aderindo às redes, seja para melhorar seu poder de negociação com os fornecedores, seja para incrementar sua capacidade de exportação. Essas redes são, geralmente, criadas em volta de um ou de um punhado de pequenos negócios e estão se tornando mais comuns. Entretanto, alguém tem que gerenciá-las e mantê-las. É comum, atualmente, ter indivíduos começando uma rede, trazendo os participantes e criando carreiras para eles, enquanto continuam a gerenciar a rede e a desenvolvê-la.
9. *Negopreneurs* (empreendedores de negócios): Estas são as pessoas que compram e vendem empresas. A maioria é especialista em recuperação de empreendimentos. Eles mantêm alguns empreendimentos mais tempo que outros, mas sempre os vendem no final. Eles agem comprando empresas quebradas ou quase quebradas; negociam acordos com fornecedores e iniciam uma recuperação, racionalizando operações, geralmente reduzindo o número de linhas e se concentrando em produtos mais rentáveis. São peritos na negociação da aquisição de bens por credores depois da falência. Em todos os casos eles têm poucas despesas iniciais e lucros substanciais quando vendem os negócios.
10. *Famylipreneurs* (empreendedores em negócios de família): Mais da metade de todos os negócios são negócios de família, onde o gerenciamento é controlado pelos membros da família, os quais são todos proprietários ou parentes do proprietário majoritário. A sucessão é sempre a maior preocupação neste tipo de negócio. Em termos de aprendizado, empreendedores familiares precisam aprender o comércio do proprietário e do gerenciador. Eles também precisam pensar na continuidade do negócio e promover a nova geração. Isto requer uma grande perícia no planejamento em longo prazo e em curto prazo. Um

negócio de família proporciona às pessoas jovens uma excelente oportunidade de demonstrar suas qualificações empreendedoras e de aprender sobre gerenciamento.

11. *Technopreneurs* (empreendedores de tecnologia): um número crescente de empreendedores tecnológicos e inventores estão, agora, escolhendo promover seus produtos eles mesmos. Este tipo de empreendedor sempre procura parceiros ou procura formar um time para gerenciar o empreendimento. Technopreneurs, geralmente, promovem seus produtos no mercado mundial, já que em muitos casos seus clientes estão em setores pequenos e altamente especializados.
12. *Ecopreneurs* (empreendedores em ecologia): a noção de proteção e equilíbrio ambiental está continuamente em desenvolvimento, gerando a emergência de um grande e novo setor industrial voltado para causas ambientais e ecológicas. Este é um grande setor, e empreendedores, considerando uma carreira nesta área, precisarão estar aptos a identificar nichos específicos e diferenciar a si mesmos e a seus produtos.
13. *Gerontopreneurs*: na medida em que a população envelhece, serviços para os idosos estão se tornando cada vez mais importantes. Quando se analisa as estatísticas na estrutura da idade no Brasil, por exemplo, vê-se que a porcentagem de pessoas idosas está crescendo, criando um mercado promissor. Muitos autônomos e microempresas estão trabalhando neste setor.
14. *Coopreneurs* (empreendedores em negócios cooperativos): um empreendimento cooperativo proporciona um caminho alternativo para a criação, gerenciamento e desenvolvimento de uma organização. Os benefícios dos métodos cooperativos podem encorajar grupos de indivíduos e empreendimentos a se juntar em torno de um projeto comum. Pequenos negócios sempre se juntam, por exemplo, para formar cooperativas de exportação para seus produtos ou serviços. Individualmente, essas empresas são muito pequenas para agüentar a competição de multinacionais em mercados estrangeiros, mas juntas elas se transformam em fortes competidoras. Uma cooperativa considera primordial a educação, treinamento e desenvolvimento pessoal e normalmente investe grandes porcentagens de seus recursos nesses elementos. O processo de tomada de decisão é baseado na participação igualitária, já que



cada membro tem um voto. Os criadores dos empreendimentos cooperativos devem aprender a gerenciar as diferenças.

15. *Grouppreneurs* (empreendedores de consórcios): são pessoas que juntam forças para formar um empreendimento grupal ou coletivo, que não é uma cooperativa. Eles introduzem regras de operação grupal. Em certos casos o empreendimento exige um estilo de vida grupal, enquanto que em outros o empreendimento envolve atividades adicionais além das atividades de trabalho regulares dos membros. Muitas destas organizações existem no setor de lazer, e grupos de autônomos e microempresas estão, também, se tornando mais comuns.
16. *Sociopreneurs* (empreendedores sociais): um número crescentes de pessoas estão envolvidas em atividades voluntárias, e muitas representam papéis empreendedores, quer criando uma atividade voluntária, ou inovando uma já existente. O número de pessoas criando organizações sem fins lucrativos está crescendo também. Esta categoria inclui um número significativo de pessoas em dificuldade que decidiram tomar conta de suas vidas e criar seu próprio negócio em vez de depender da assistência do governo. Pessoas inválidas são particularmente ativas neste respeito. Como resultado, existe a necessidade de consultoria e suporte para as novas atividades comerciais. Tudo isto tem gerado uma nova forma de trabalho voluntário, que pode ser descrito como o de empreendedores sociais.
17. *Netpreneurs* (empreendedores em tecnologia da informação): são empreendedores tecnológicos, mas numa categoria que está se tornando cada vez mais separada. A tecnologia da informação está se desenvolvendo num ritmo sem precedentes, e este desenvolvimento não está sendo dirigido por empreendedores existentes.
18. *Webpreneurs* (empreendedores em negócios da Internet): o número de transações na Internet está crescendo exponencialmente e tanto empresas existentes quanto novas companhias estão organizando atividades de marketing baseadas na Web. Para fazer isto, elas recorrem a pequenas empresas especializadas em design, monitoramento, desenvolvimento e no gerenciamento de sites da Web. Esses novos webpreneurs oferecem uma gama de abordagens e métodos altamente diferenciados. Ao mesmo tempo, uma nova

indústria, baseada na Web está aparecendo, e webpreneurs estão lançando produtos projetados especialmente para serem vendidos na Internet, ou se tornando corretores ou varejistas de todos os tipos de produtos e serviços. FILION (2001).

## APÊNDICE

## APÊNDICE I:

Questionário da pesquisa junto aos micro-empresendedores do segmento de calçados em atividade na cidade de Fortaleza.

## QUESTIONÁRIO

Data da Entrevista:  
Local da Entrevista:  
Horário da Entrevista:  
Tempo de duração da entrevista:

RAMO DE ATIVIDADE: \_\_\_\_\_

1. Há quanto tempo o Sr.(a) está no ramo?  
\_\_\_\_\_

2. Qual o motivo principal que levou o Sr.(a) a entrar nesse ramo de atividade/negócio?

- Desemprego  
 Influência de parentes  
 Oportunidade de Negócio  
 Lucratividade

Outros: \_\_\_\_\_

3. O Sr.(a) dispunha das informações necessárias a respeito desse ramo de atividade quando da criação do seu negócio?

Sim       Não

Se SIM, continuar pesquisa;  
Se NÃO, ir para questão 6.

4. Quais foram as fontes que o Sr.(a) utilizou para conseguir as informações necessárias para a abertura do seu negócio?  
\_\_\_\_\_

5. As informações conseguidas foram suficientes?

Sim       Não

6. O Sr.(a) conhece algum programa de apoio disponível na cidade de Fortaleza para a abertura de um negócio?

Sim       Não

Se SIM, indique qual/quais: \_\_\_\_\_

7. O Sr.(a) necessitou de apoio financeiro para a abertura do seu negócio?

Sim       Não

Se SIM, continue a pesquisa

Se NÃO, ir para PERFIL DO ENTREVISTADO

8. O Sr.(a) utilizou algum dos programas de crédito disponíveis na cidade de Fortaleza para novos empreendedores?

Sim       Não

Se SIM, indicar qual/quais \_\_\_\_\_

Se NÃO, ir para PERFIL DO ENTREVISTADO

9. Como ficou sabendo a respeito do programa utilizado?

Tv       Rádio       Internet       Amigos/Parentes

Outros: \_\_\_\_\_

#### PERFIL DO ENTREVISTADO

10. IDADE: \_\_\_\_ anos

11. SEXO : \_\_\_\_ Masculino      \_\_\_\_ Feminino

12. ESCOLARIDADE:

SEM ESCOLARIDADE

ENSINO FUNDAMENTAL I

ENSINO FUNDAMENTAL II (ANTIGO GINÁSIO)

ENSINO MÉDIO (ANTIGO 2º GRAU)

SUPERIOR (COMPLETO)

SUPERIOR (INCOMPLETO)